



**Para um olhar além do Blockbuster:
Um estudo de Recepção de filmes da Mostra de Cinema Infantil**

Daniel MENDES MOREIRA¹
Ilka GOLDSCHMITD²
Unochapecó, Chapecó, Santa Catarina

RESUMO

A pesquisa propõe uma reflexão sobre o público infanto-juvenil enquanto receptores de audiovisual. O estudo ocorre em escola de ensino fundamental de Chapecó, com alunos de 11 a 12 anos de idade a partir da exibição de filmes da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis. A análise dos resultados possibilita perceber como a recepção dos filmes pelos alunos pode ser influenciada pelos hábitos de consumo já existentes. Nesta perspectiva, provocar o olhar dos alunos em relação a filmes que não possuem uma narrativa “*hollywoodiana*” gerou certo estranhamento em relação aos filmes exibidos. Os estudantes demoraram a perceber os elementos da narrativa que denotam mais reflexão, passando quase que despercebidos, não fosse o debate após as sessões.

PALAVRAS-CHAVE: recepção; cinema; cultura; público infanto-juvenil; *blockbuster*

Introdução

O cinema encontra um espaço privilegiado no cotidiano da sociedade contemporânea e se configura como um dos principais mercados de entretenimento em todo o mundo, atingindo surpreendentes patamares de produção. Somente o Brasil fechou o ano de 2014 com 114 longas-metragens brasileiros lançados, e levou mais 19 milhões de espectadores a salas de cinema, espalhadas por todo o país. A questão é que sendo o cinema uma indústria, um negócio, a sua distribuição está sujeita ao fluxo capitalista. Os filmes exibidos nas salas de cinema e na televisão não seguem a lógica da diversidade produzida e sim da concentração de investimentos. O contraponto a essa hegemonia hollywoodiana são as exibições de filmes em espaços

¹ Daniel Mendes Moreira – Bolsista de Iniciação Científica, Universidade Comunitária da região de Chapecó- Unochapecó. Estudante de Jornalismo.

² Ilka Goldschmidt – Mestre em Comunicação, Universidade Comunitária da região de Chapecó- Unochapecó. Professora.



alternativos: festivais, mostras, cineclubes, escolas, universidades e espaços públicos. É nessas telas improvisadas que a diversidade de narrativas, formatos, culturas e histórias projetam novos olhares sobre a humanidade.

Quanto mais cedo esses filmes forem apreciados, mais chances a sociedade terá de reverter o processo de homogeneização cultural. Ao propor estudar a recepção de filmes da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis junto a estudantes do ensino fundamental de Chapecó, essa pesquisa pretende compreender como se dá essa relação da criança com o “novo” audiovisual. Condicionada a uma produção pasteurizada na TV, no cinema e na internet, a criança percebe novas maneiras de ver e mostrar o mundo? Espaços e produções alternativas como as possibilitadas pela Mostra de Cinema Infantil contribuem para a formação de cidadãos mais críticos, mais conscientes e autônomos como pressupõe a Mídia Cidadã?

“A melhor maneira de aprender é se divertindo. A minha maneira de ver o mundo e como me coloco nele foram direcionados pelas experiências cinematográficas que eu tive ao longo da vida”. A declaração de *Adriana Rattes*, fundadora e diretora do Grupo Estação de Cinema, que há mais de 20 anos exhibe filmes dos mais variados estilos, formatos e países para o público carioca, em especial para crianças e adolescentes, sintetiza um desejo de realizadores e exibidores de circuitos alternativos de que a arte possa libertar e inspirar vidas. Ainda para Adriana, o cinema tem dois significados: janela e espelho. Janela porque abre a visão das pessoas e espelho porque permite que elas também possam se ver nele.

A Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis completa em 2015 a sua 14ª edição. O evento teve início em 2002 e configura-se como o primeiro evento de audiovisual no Brasil voltado para o público infanto-juvenil. A idealizadora e diretora geral da Mostra, Luisa Lins, explica que a Mostra tem o objetivo de promover a diversidade e inclusão social e oferecer uma alternativa ao que é imposto pela televisão e cinema americano. Existe uma rica produção mundial voltada para o público infanto-juvenil, mas é desconhecida por questões de financiamento e distribuição. “Na realidade, é a produção cinematográfica norte-americana que ocupa boa parte da mídia internacional, dominando aproximadamente 95% do mercado mundial”, informa Adriana Rattes.



As produções que compõem a Mostra traduzem a multiplicidade cultural do Brasil e do mundo. De acordo com os organizadores, a diversidade é valorizada porque é considerada fundamental para o desenvolvimento da consciência e cidadania. As intenções e argumentos estão claros, mas o ponto a ser estudado é como se dá a recepção desses filmes pelas crianças, público-alvo do evento e das produções nele exibidas. É importante perceber e compreender os vários significados que o público, neste caso as crianças, atribuem aos filmes. Esse tipo de estudo que se interessa pelo receptor e pela experiência filmica tem contribuído para a concepção das teorias do cinema. Afinal, o processo cinematográfico deve levar em conta este diálogo que reconhece a participação concreta e ativa do espectador de filmes.

Para Arlindo Machado (1997), o cinema sempre existiu, a vontade do homem de contar histórias com imagens sempre esteve presente na humanidade. Ele não nasceu de aparatos tecnológicos e nem podemos delimitar a isso. Qualquer marco cronológico que possa eleger como inaugural será sempre arbitrário, pois o desejo e a procura do cinema são tão velhos quanto a civilização de que somos filhos. O cinema, que surgiu no século XX, veio se estabelecendo como a arte audiovisual de excelência.

Xavier diz que o cinema que educa é o cinema que faz pensar. Não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Se quisermos formar um público de cinema mais sensível, crítico e reflexivo, “ensinar a fazer” pode ser um caminho possível. Educar para preparar o público para desaprender e reaprender a ver o cinema de uma outra maneira:

Creio que caminhamos aqui na mesma direção de combate ao clichê, aquele tipo de agenciamento das imagens e sons que induz a uma leitura pragmática geradora de reconhecimentos do já dado e do que não traz informação nova, ou seja, do combate àquela forma de experiência na qual não se vê efetivamente a imagem e não se percebe a experiência, ou, se quisermos, não se captura o que acontece na imagem, pois a mobilização de protocolos de leitura já automatizados define a priori “do que se trata” quando olhamos a imagem ou seguimos a narrativa. (XAVIER, 2003, pag 17)

Compreender o ambiente no qual os filmes são produzidos e pelos quais circula é tão importante quanto entender o significado que os filmes nos passam. No Brasil o contexto de distribuição é complexo, privilegia poucas produções, geralmente as originadas no eixo Rio de



Janeiro - São Paulo, e não oportuniza a ampla circulação de filmes de baixo orçamento. Hadija Lopes da Silva relata que vivemos um momento de inércia, e que as possíveis alternativas de mudança esbarram ou são barradas pelos mitos legitimadores do modelo político-econômico vigente (SILVA, 2010, p. 24).

Blockbuster é um termo de origem inglesa que indica um filme ou documentário produzido de forma exímia, sendo popular para muitas pessoas e que pode obter elevado sucesso financeiro a partir de ampla circulação. Ir além do *blockbuster* é ver aquilo que não teve tanto sucesso, que não é popular, e não deixa de ser bom. No Brasil temos um grande problema com a distribuição dos filmes, visto que aqui a distribuição é o elo central, a ponte entre o produto, que é o filme, e sua disponibilização ao público, a exibição. Com o filme pronto, o distribuidor será o responsável por sua circulação nas diferentes janelas de exibição, como por exemplo as salas de cinema, as Tvs por assinatura, as TVs aberta e as Tvs por demanda, entre outros, em diversos territórios e para públicos variados. Fica por conta da distribuidora ser a responsável por instigar o espectador a sair do conforto de sua casa e ir a uma sala de cinema para assistir a um filme, ou por aguçar a rever o filme na televisão e na internet, ou ainda por perpetuar a relação dele com o audiovisual através de sua compra.

Estudos de Recepção

No caso do Brasil, a pesquisa de recepção filmica ainda é pequena, está começando a se desenvolver e necessita ampliar ainda mais a experimentação metodológica dos vários meios existentes. De acordo com Costa (2011, p.47) essa experimentação deve acontecer através de projetos integrados, que atinjam várias disciplinas, e que procurem combinar os avanços teóricos com as construções empírico-descritivas, e que cumpram o papel de realizar uma interpretação crítica, cultural e política dos processos de recepção de comunicação, e que desta forma também possam firmar uma ótica teórica compreensiva.

[...] Investigar a recepção exige pensar tanto o espaço da produção como o tempo de consumo, ambos articulados pela cotidianidade (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos (gênero) da comunicação de massa. (COSTA, 2011, p.47)



Jesús Martín-Barbero observa que nos Estudos de Recepção o espaço geográfico é extremamente importante, apesar das pessoas interagirem diferentemente nesse mesmo espaço. É no bairro que a pessoa é alguém, tem um nome, tem uma vida, tem uma história (BARBERO, 1995, p. 60). Guedes reforça a ideia de que os estudos de recepção na área da comunicação podem ser definidos como o estudo do outro, pessoal ou impessoal, caracterizados pelo diálogo estabelecido entre o pesquisador e o pesquisado, na compreensão do receptor como sujeito do processo de recepção, e no entendimento do meio social onde ele está inserido. (GUEDES, 1998, p. 110).

Segundo Maria Cristina Castilho Costa (2011) pensar a comunicação a partir da recepção permite entender o papel dos meios de comunicação na vida da sociedade contemporânea, como eles atuam no cotidiano dos grupos sociais, nas diferentes comunidades e culturas. A pesquisadora Maria Immacolata afirma que com os avanços das pesquisas de recepção orientadas por novas premissas, o processo de recepção é visto para além da relação do sujeito com os Meios. Ele é captado na trama de sentidos pelas mediações que operam no cotidiano das pessoas.

Para compreender a recepção da criança devemos estar atentos também ao mundo que a cerca, as vivências, o seu grupo de amigos, e também a sua comunidade. Néstor Canclini (1991) destaca em seu livro “Consumidores e Cidadãos” que entender a recepção deve levar em conta quem é esse indivíduo e de onde ele vem. “Há uma certa coerência entre os lugares onde os membros de uma classe e até a fração de classe se alimentam, estudam, habitam, passam as férias, naquilo que leem e desfrutam, em como se informam e no que transmitem aos outros”(CANCLINI, 1991, p.62)

No campo cinematográfico, as teorias de recepção e da espectralidade fílmica também surgiram na década de 70, com a problemática da constituição do sujeito espectador a partir de abordagens psicanalíticas, discursivas, pragmáticas, socioculturais e sociológicas. De acordo com Chartier, “as práticas de recepção devem ser vistas e entendidas como modos de apropriações que, além de transformarem os objetos culturais recebidos, os reformulam” (apud BAMBA p.60, 2013).

Público infanto-juvenil e cinema



Para Marialva Monteiro, um filme é capaz de suscitar uma infindável variedade de interpretações, que se modificam não só de acordo com o contexto cultural do receptor, mas também ao longo do tempo. (MONTEIRO, p123, 1990). Além disso, Maffesoli (1984) ressalta que a câmera tem o poder de transformar a realidade em algo fantástico, mostrando que o comer, o vestir são compostos de sonhos, de estetismo, de instrumentalidade e magia que só a câmera poderá ressaltar. .

A dissertação de mestrado de Monteiro, apresentada em 1990 à Fundação Getúlio Vargas (RJ): “A recepção da mensagem audiovisual pela criança – a busca de um olhar antropológico diante do espectador cinematográfico infantil” é referência no estudo de recepção de filmes infantis. Algumas premissas que embasam este estudo podem ser encontradas neste trabalho, sendo a principal:

O filme consumido é inserido na memória de vida. Ele não existe na sua integralidade, só existem restos e pedaços de informação que podem ser mais ou menos claramente identificados, segundo o mecanismo de reconhecimento, isto é, a partir de um momento em que um índice exterior ou um excitante fortuito arrasta o receptor para uma atividade de memorização mais ou menos consciente... Qualquer que seja, esta memorização está submetida a uma grande ligação que existe entre a natureza da excitação (o filme) e o contexto (LAFOND, apud MONTEIRO, 1990, p. 61).

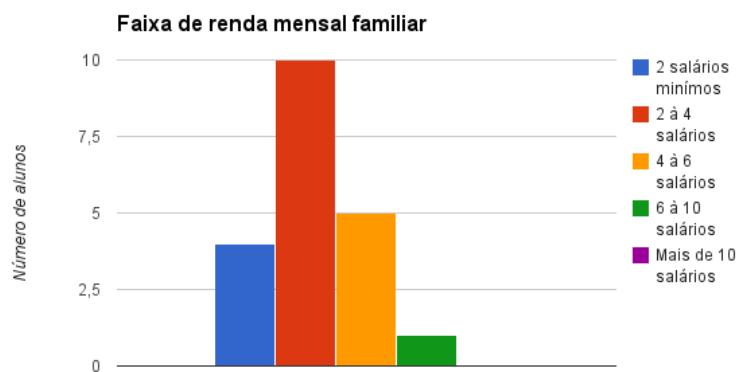
Maria Isabel Orofino destaca em seu artigo *Ciranda de sentido: crianças, consumo cultural e mediações* (in GIRARDELLO, 2008) que as pesquisas sobre a relação entre os meios de comunicação e as crianças precisam necessariamente promover uma virada, um deslocamento, uma renovação dos quadros teóricos que nós conhecemos. Dessa forma se faz necessário entender como as crianças pré-adolescentes de hoje entendem o cinema, por que assistem? Como entendem? Que reflexos isso têm em sua vida? O que lhes agrega? Devemos considerar para o estudo de recepção o repertório de cada indivíduo, constituído a partir da sua relação com a família, com a escola, com a religião, com a cidade, com o bairro onde mora e com a mídia.

Para um olhar além - o estudo



O estudo de recepção foi realizado com pré-adolescentes de 11 e 12 anos de idade, alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola de Educação Básica Marechal Bormann, localizada em Chapecó, estado de Santa Catarina. A cidade de Chapecó possui uma população estimada em mais de 180 mil habitantes, está localizada no Oeste do estado. Os indicadores sócio-econômicos da cidade estão entre os mais elevados do país, possuindo um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0.790, sendo o 67º maior IDH municipal do Brasil e o 12º de Santa Catarina.

A faixa etária selecionada corresponde ao limite entre o ser criança e o ser adolescente, ao mesmo tempo em que ainda se é criança já se percebe uma desenvoltura significativa nos diálogos e socializações das percepções o que contribui para compor os dados que irão gerar as análises. A primeira etapa foi a análise socioeconômica dos estudantes. Para obtermos esses resultados usamos um questionário, que foi respondido pelos pré-adolescentes junto aos eus familiares. Todos os resultados obtidos através do questionário foram transformados em gráficos.



Fonte: Elaborada pelo autor

Os questionários revelam o perfil dos estudantes. A maioria deles vive com a família, com uma renda igual ou superior a dois salários mínimos. Um dos dados que mais chama a atenção é a facilidade do acesso à internet, independente da situação econômica os estudantes acessam a rede e assim tem possibilidade de assistir a conteúdos diversos. Não existe, nesta perspectiva, uma exclusão do ponto de vista do acesso aos meios culturais, mas existe uma força



dos conteúdos que predominam nestes meios. Para acessar conteúdos mais densos e reflexivos é preciso ser provocado e apresentado a eles.

Após conhecer o espaço e as condições em que o adolescente está inserido passamos para o estudo de recepção. Para esta análise selecionamos quatro filmes da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis. “A grande viagem”, uma ficção que tem direção de Carolini Firatti e possui 15 minutos de duração. “O filho do vizinho”, dirigido por Alex Vidigal, também ficção e com sete minutos de duração. “Menina da Chuva”, que foi desenvolvido pelo projeto Rosamaria, uma animação de seis minutos e também entrou na nossa lista de selecionados para exibição. A última obra selecionada foi o documentário “Disque quilombola”, dirigido por David Reeks com 13 minutos de duração.

A escolha deste filmes se deu a partir de olhar criterioso quanto à diversidade de temas e gêneros, além de depender do pouco tempo disponibilizado pela escola para a exibição, que foi de 45 minutos em cada dia. As exibições aconteceram no próprio ambiente escolar, porém, em um espaço alternativo que não a sala de aula, composto de uma sala escura e de uma grande tela branca, cadeiras dispostas como em um cinema e pipoca, na tentativa de recriar o clima da exibição em sala escura. Queremos, de uma certa forma, criar uma relação “ao avesso” entre a mostra e a primeira sessão de cinema, que segundo Machado (1997) aconteceu há mais de dois mil anos atrás, muito antes dos irmãos Lumière. Ela aconteceu na imaginação de Platão, e veio a ser conhecida posteriormente como a “alegoria da caverna”. Ao avesso, porque a proposta da pesquisa é ampliar as perspectivas sobre a realidade através desta caverna em pleno ambiente escolar.

O mito da caverna é a cena inaugural da metafísica do Ocidente, na qual beberam, e ainda hoje bebem, gerações sucessivas de pensadores. O seu princípio, todavia, é relativamente simples e está fundado numa distinção básica entre um “conhecimento sensível”, enganoso em sua materialidade fantasmática, e a visão fulgurante que nos redime das ilusões cotidianas; ou, para usar a terminologia mais elaborada de Hegel (1977, p. 159): a cisão entre a “representação do mundo sensível ao homem” e a consciência de uma realidade supra-sensível”. [...] (MACHADO, 1997, p. 29)



Utilizamos como técnica para produzir dados e análise o Grupo Focal. De acordo com Gui (2003), no grupo focal não se busca a concordância e sim a pluralidade de ideias. Dessa forma o foco está na participação de cada um dentro do grupo, e o pesquisador assume o papel de moderador nesse bate papo. Além da conversa em grupo, os alunos responderam individualmente um questionário com quatro questões. As perguntas indagavam sobre a obra e relacionavam os acontecimentos do filme com a vida de cada um. Havia também um espaço para que cada um desenhasse uma cena que lhe chamou atenção, ou algo que representasse o filme.

O primeiro filme exibido foi o curta de ficção "O filho do Vizinho". O curta tem a duração de seis minutos e conta a história de dois personagens: o filho do vizinho e Ronaldinho. Os estudantes observaram atentos todos os personagens. O filho do vizinho não para um só instante, joga bola, solta pipa, corre para lá e para cá irritando muitas vezes os adultos. O segundo é um menino quieto, na dele. Para muitos adultos, Ronaldinho é um exemplo de criança. Ele passa os dias observando, da janela de sua casa, as peripécias do filho do vizinho, negando todos os convites do menino para sair à rua e participar das brincadeiras.

À medida que o curta vai se desenrolando, os estudantes se perguntam por que Ronaldinho não aceita nenhum convite, não brinca na rua com as outras crianças, não entra para a turma do filho do vizinho. A aluna D. S., de 12 anos, disse que o menino não saía de casa por conta de sua mãe que não deixava. Já o estudante A. C. também de 12 anos, comentou que o que impedia o menino de sair de casa era “alguma” dificuldade. No final, a descoberta: Ronaldinho é cadeirante. Eles ficaram surpresos e pensativos. Na sala de aula existem dois estudantes que possuem necessidades especiais, com isso a discussão foi sobre a infância de um estudante com deficiência, com todas as suas limitações físicas e as que, muitas vezes, são impostas pela família e sociedade. Todos os estudantes fizeram comentários importantes e de teor educativo, visto que convivem com pessoas semelhantes às mostradas no filme.

A estudante A. C. G. de 12 anos, representou o filme "O filho do vizinho" através de um desenho comparativo:

Figura 02: Desenho elaborado pela estudante A. C. G.

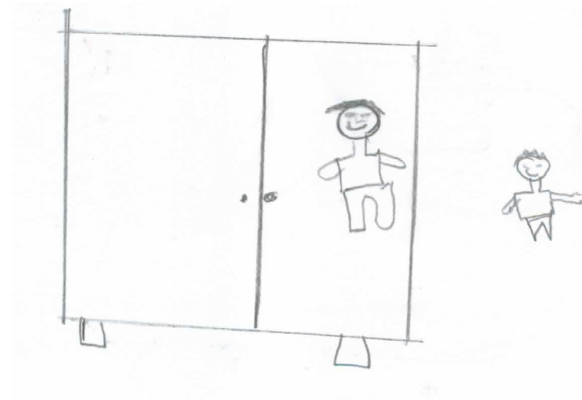


O segundo filme mostrado no primeiro dia de exibição foi "A grande viagem" que conta a história de seu Mário, um senhor que não consegue mais distinguir com clareza passado e presente. Revive em sua mente uma fase de sua vida em que vendia, de porta em porta, guias de viagem. Entretanto, Mário nunca viajou, mas agora surge a oportunidade de conhecer os quatro cantos da terra junto de Felipe, seu neto e parceiro nessa grande viagem. Para isso vários elementos são inseridos em cena, deixando os estudantes um pouco confusos no início, mas logo eles também mergulham nessa viagem.

A estudante L. M, de 11 anos acredita que todo o filme se passa na imaginação dos dois personagens, e acha que o menino foi maravilhoso quando entrou nessa aventura com seu avô que estava aposentado e doente. C.S. tem 12 anos e acredita que a aventura vivida no filme só foi possível devido a imaginação que eles tiveram, e que “podemos viajar para muitos lugares quando lemos coisas novas, como mostra no filme, os catálogos de viagem”.

O estudante W. N. representou o filme através de um desenho. Para ele o que mais representa o filme foi o armário utilizado como passaporte para as aventuras vividas no filme.

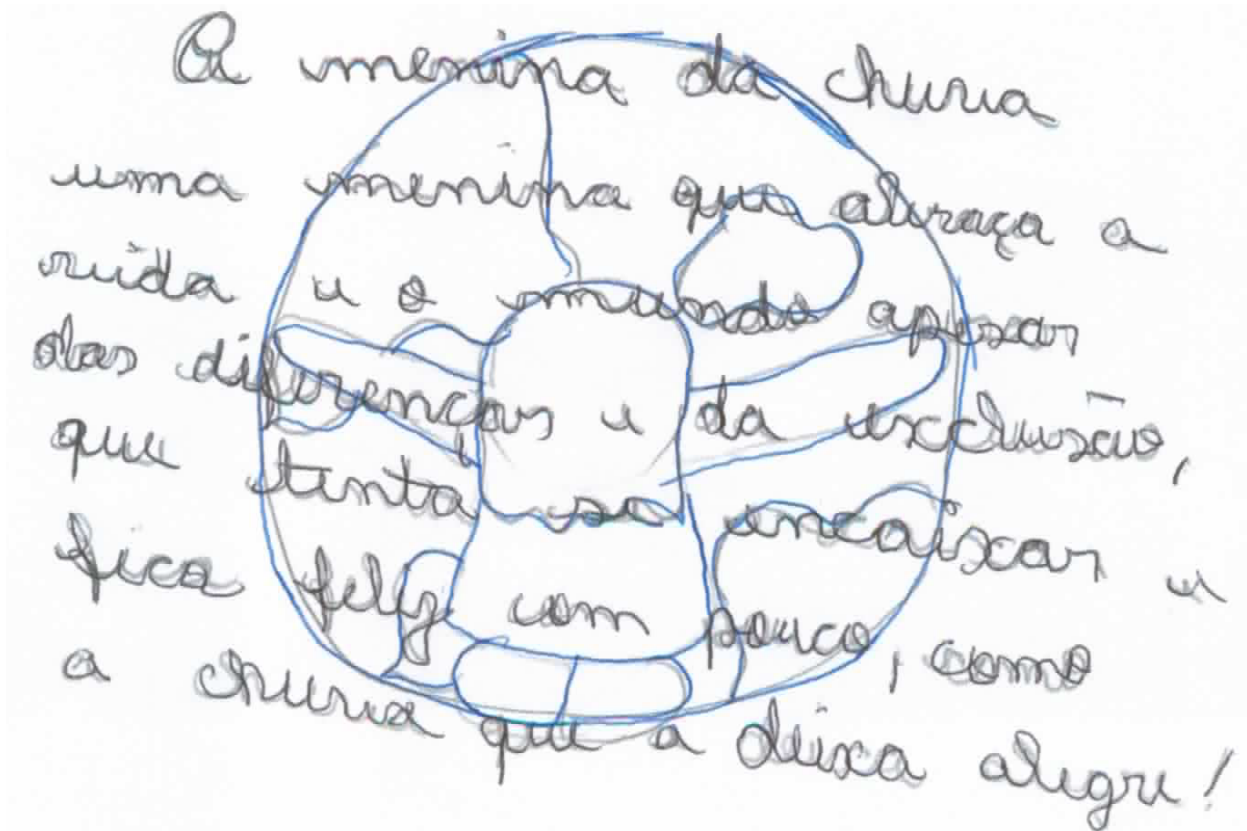
Figura 03: Desenho elaborado pela estudante W. N.



No segundo dia de exibição o primeiro filme mostrado foi uma animação chamada "A menina da chuva" que trabalha com delicadeza o tema exclusão. Em um mundo no qual cada um tem a sua cor, a Menina da Chuva vive em uma busca de um lugar para “se encaixar”. Logo no início os alunos ficaram meio perdidos e não conseguiram entender com clareza o que estava

sendo retratado. A personagem principal do curta-metragem passa o filme em busca de sua identidade.

Figura 04: Desenho elaborado pela estudante A. C. G.



Logo após a exibição houve uma conversa com os alunos para entender se eles perceberam que cada um tinha a sua cor; que o gato amarelo não foi aceito na casa vermelha, que o vendedor de bexigas não tinha nenhuma da cor da menina e improvisou. Perguntamos o que achariam de viver em um mundo assim, sem poder variar, sem poder viver o diferente. O aluno J. H. indagou que a situação da personagem principal era diferente da dos outros. "Eu acho que ela não tem pais, acho que ela vive sozinha, fiquei triste por ela. Vi que ela não tem amigos. Quando eu era pequeno, eu também era assim, eu sou um pouco mais moreno que os outros, me chamavam de baquiteriano, e esse filme me fez lembrar disso". O tema *Bulling* e discriminação entrou em discussão durante a conversa e também nas perguntas individuais, foi uma longa conversa sobre o filme. A estudante A.C.G. usou de um desenho e de uma poesia para representar o filme.



A quarta e última exibição foi do documentário Disque Quilombola. Esse com certeza foi o curta que mais chamou a atenção dos estudantes. O filme aborda a diversidade e a riqueza da pluralidade cultural, o que nos une e o que nos diferencia. Através de um telefone de lata (telefone sem fio) é estabelecida uma conversa entre crianças de um morro e de uma comunidade quilombola, no município de Vitória, no Espírito Santo. Com a presença de alguns adultos que trazem elementos da história de cada uma das comunidades, o filme revela que há muitas semelhanças entre elas. P. L. de 12 anos, observou que no vídeo as crianças eram todas pobres, mas se divertiam e eram felizes com as poucas coisas que tinham. L. F. de 11 anos disse que o audiovisual não faz ele lembrar de momentos ou brincadeiras que tenha vivido, mas sim de histórias que o seu pai conta. "Eu gostei muito da hora que eles fizeram o carrinho de madeira, meu pai sempre conta que passou por essas coisas". O curta foi considerado pelas crianças como “muito inteligente e criativo”, porque “mostra as culturas de outras crianças”.

A estudante T. K. L, de 11 anos, assim como a maioria da turma utilizou o telefone sem fio como elemento principal para a representação do filme no desenho:

Figura 05: Desenho elaborado pela estudante A. C. G.





Considerações Finais

A análise dos resultados do questionário possibilita perceber como a recepção dos filmes pelos alunos pode ser influenciada pelos hábitos de consumo já existentes, que estabelecem “cargas” culturais mediadas pela família e pela indústria cultural. Nesta perspectiva, provocar o olhar dos alunos em relação a filmes que não possuem uma narrativa “hollywoodiana”, gerou certo estranhamento em relação aos filmes exibidos. Eles demoraram a perceber os elementos da narrativa que denotam mais reflexão, passando quase que despercebidos, não fosse o debate após as sessões.

O olhar do adolescente de uma certa forma está preparado para situações e acontecimentos que são debatidos no âmbito escolar ou da sociedade em que vivem. Como foi possível perceber com o tema *Bulling*, logo citado pelos adolescentes durante a discussão do curta “A menina da chuva”. Essa situação reforça a importância de ampliar o olhar crítico e reflexivo dos jovens através de um cinema menos comercial e mais comprometido com a cidadania.

É certo que a recepção fílmica é subjetiva e nem tudo é percebido ou relatado logo de imediato ao assistir ao filme. O conhecimento, as reflexões, a identificação ou não com personagens e histórias, os sentimentos provocados podem ser manifestados e percebidos com o passar do tempo, ainda mais quando o público é jovem. Por esse motivo é importante comentar que os dados observados neste estudo não são absolutos, pelo contrário.

Ao provocar o olhar para filmes com uma narrativa diferente da que predomina nos filmes infantis e infanto-juvenis que ocupam as telas de cinema e da televisão comercial, sabe-se que a intenção é habituar a recepção a outras percepções e conteúdos estéticos. O foco deste estudo é procurar compreender com se dá essa primeira percepção e neste caso é importante observar que alguns estudantes conseguiram se manifestar mais por desenhos do que pelo texto, outros mais pela expressão oral do que pela escrita e outros com poucas palavras revelam sentimentos e percepções muito intensas. Foi o caso da estudante que ao responder se “A menina



da chuva” lembrava alguém que ela conhecia escreveu apenas uma palavra: “eu”. Não é preciso falar mais. Compreende-se que houve uma forte identificação com a personagem do filme.

O debate após as exibições foi muito importante porque ao discutir o filme muitos alunos foram provocados a pensar. E, portanto, perceber as entrelinhas da história. É assim que se contribui para a construção de pensamentos mais críticos. O que é possível quando se trabalha com cinema e educação. Uma análise mais aprofundada será possível com a continuação desta pesquisa, agora, em outras escolas e com o olhar mais voltado para compreender quanto o meio, os hábitos de consumo midiático e a classe social são determinantes na percepção dos pré-adolescentes para o conteúdo e para a narrativa audiovisual.

Referências Bibliográficas

BARBERO, Jesus Martín. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

BAMBA, Mahomed. **A recepção cinematográfica – teorias e estudos de caso**. EDUFBA: Salvador (BA), 2013.

BOURDIEU, Pierre. **'Gostos de classe e estilos de vida'**. in: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, São Paulo, 2011.

GIRARDELLO, Monica Fantin Gilka. **Liga, Roda, Clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

GUEDES, Enildo Marinho. **Curso de Metodologia Científica**. Curitiba, 1997.

GUI, Roque Tadeu. **Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido**. São Paulo: rPOT, 2003.

JACKS, Nilda. **Meios e Audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008



MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e Pós-cinemas**. Campinas, SP. Papyrus ,1997.

MONTEIRO, Marialva. **A recepção da mensagem audiovisual pela criança – a busca de um olhar antropológico diante do espectador cinematográfico infantil-dissertação de mestrado**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Estudos Avançados em Educação. 1990.

SILVA. Hadija Chalupe da Silva. **O filme nas telas: a distribuição do cinema nacional**. São Paulo: Ecofalante, 2010.

XAVIER, Ismail. **Um Cinema que “Educa” é um Cinema que (nos) Faz Pensar**. Educação & Realidade, vol. 33, núm. 1, enero-junio, 2008, pp. 13-20
Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil